



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE FERREIRA DUTRA DE ALBUQUERQUE

Museu e EJA: uma proposta pedagógica

RECIFE

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Museu e EJA: uma proposta pedagógica

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco.

RECIFE

2019

APRESENTAÇÃO

O seguinte artigo, foi construído tomando como base as normas da Revista Eletrônica Discente História.com (REDH), pertencente a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), suas referidas normas estão evidenciadas no anexo deste.

Faz-se necessário mencionar que, inicialmente tive a orientação da Prof^ª Dr^ª Rozélia Bezerra, que vinha me acompanhando desde o início da disciplina TCC I, contudo, ao longo de nossos caminhos tivemos que encerrar nosso contato orientador x orientado.

Portanto, para melhor finalização do dado trabalho, obtive auxílio do Prof. Dr. Ricardo Pacheco, o mesmo, com sua visão crítica, acabou pontuando alterações necessárias para melhor estruturação e finalização do dado artigo de conclusão.

Museu e EJA: Uma perspectiva pedagógica

Resumo:

Tendo em consideração a importância dos Museus e da Escola à manutenção da memória social de uma civilização. Este trabalho tem como objeto uma reflexão acerca de uma perspectiva pedagógica que inclua a experiência museológica no processo de ensino/aprendizagem. Tendo como ponto de partida teórico a noção de memória social entendida pelos integrantes da *Escola dos Annales*, o teor de historicidade dos objetos que formam o acervo do museu para o Ensino da História no Educação de Jovens e Adultos. Neste sentido, será proposta, ao final, uma sequência pedagógica para o Educação de Jovens e Adultos, ao levar em consideração as discussões em seu percurso.

Palavras-chave: Ensino da História; Museus; Memória Social

Introdução

O objetivo deste trabalho é tecer uma reflexão, no âmbito do ensino da História na Educação Básica, acerca da relação entre escola e museu, em uma proposta de sequência didática. Para tanto, este trabalho parte de uma perspectiva de memória social baseada em historiadores como Jacques Le Goff dão ao processo de conservação desta memória no mundo contemporâneo.

Ainda neste trabalho entre escola e museu, buscar-se-á outras reflexões acerca da aplicabilidade de atividades pedagógicas entre as duas instituições, neste sentido, foram de suma importância os estudos dos professores Ricardo Pacheco, Circe Bittencourt e Kátia Abud, pesquisadores que insistem e propõem atividades neste sentido e que partem da perspectiva defendida pelo historiador francês supracitado.

Tendo como ponto de partida a importância do olhar do estudante sobre objetos específicos que formam o acervo do Museu do Homem do Nordeste (Recife-PE), propor-se-á uma atividade pedagógica utilizando conteúdos acerca da História do Nordeste Brasileiro.

É escusado apontar a importância do museu à manutenção da memória de determinada sociedade, como outrossim da própria história internacional, como também um espaço de manutenção do próprio conhecimento científico. Com efeito, se o museu deve ser entendido, antes de tudo, com um espaço de coleção, categorias, séries de objetos que

representam o próprio desenvolvimento da sociedade, é na sociedade moderna que ele consolidou sua função pedagógica, uma vez que:

O museu é um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade.¹

Tanto o museu quanto a escola oferecem um conhecimento sobre a história e isto os conectam enquanto instituições das sociedades modernas. Com efeito, uma prática de ensino, que leve em consideração esta relação mais que evidente entre eles, deve ter como desafio esta ligação por meio de práticas pedagógicas, pois, como insiste Letícia Julião “em nenhuma outra época, o papel educativo e a relação do museu com a comunidade tornam-se, de fato, questões nucleares do pensamento e de práticas museológicas.”²

Neste sentido, o professor Ricardo Pacheco aponta algumas diretrizes da inserção do museu na construção de sequências didáticas para o ensino, seja do ponto de vista pedagógico ou didático:

Do ponto de vista pedagógico o museu é o local onde se realiza tanto a pesquisa sistemática sobre o assunto que ele expõe como o espaço de sensibilização do público para determinados temas e assuntos. Do ponto de vista didático o museu serve tanto ao ensino dos conteúdos factuais, possibilitando a coleta e sistematização de informações pontuais, como aponta para o desenvolvimento das habilidades e da sensibilidade de cada visitante.³

Como se vê, elementos trazidos pelo museu constitui, de forma decisiva, à apreensão de um corpo discente nos mais diversos níveis de aprendizagem, quer dizer, do ensino fundamental a um curso de pós-graduação, a depender da amplitude do olhar e dos objetos que interessam ao observador.

1. Memória social e Escola

Há muito está suspensa e, em certo sentido, ultrapassada a noção da historiografia enquanto relato de uma Grande História, com o *H* maiúsculo dos grandes homens, da narrativa baseada nos “grandes momentos” de processos políticos de uma determinada

¹ SIMAN, Lana Mara et. Ali. **Escola e Museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ Cefor, 2007, p. 37.

² JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. Brasília: IPHAN, 2006. pp. 19-32. p. 29.

³ PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 2, 2012, p. 65.

época. A partir da década de 1930, a *Escola dos Annales* contribui de forma decisiva para um desenvolvimento de novas perspectivas acerca da escrita da história, ao renovar seus objetos de análise, demarcar novos recortes de tempo, apontar persistência de estruturas sociais, urdir aplicações interdisciplinares.

Esta percepção que emerge nos trabalhos de historiadores franceses como Marc Bloch, Lucien Febvre ou Jacques Le Goff permite uma abordagem acerca da memória social e afirmam a importância da sua manutenção em uma sociedade contemporânea marcada por diversas tecnologia numéricas, mas que corre risco de perder a percepção de sua construção histórica, no bojo das fraturas sociais que a formam.

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.⁴

Se a memória social, no mundo tecnificado e moderno, se difere das formas de memória coletiva em sociedades orais, e abrange novas formas de armazenamento da memória. Neste sentido, qualquer proposição acerca da história e de sua escrita passa pela percepção desses fenômenos contemporâneos, sendo assim, o próprio ensino da história precisa levar em consideração as particularidades do seu contexto. Na marcação de uma sociedade oral e escrita, a escola possui um papel essencial, afinal de contas, desde a fundação do mundo moderno, a escola consolidou-se como uma instituição de passagem do registro oral das memórias do indivíduo à sua aplicação ortográfica.

Além desse papel, a escola pode ser entendida como um espaço onde o indivíduo pode ter contato nuances desta memória social, no sentido de perceber não somente sua identidade no seio da vida social, mas também proporcionar uma mirada mais ampla e crítica do processo das formações e dissoluções desta última no decorrer da mudança histórica. Com efeito, o ensino da história, dados a própria complexidade do seu processo de formação e apreensão, deve estar assentada em práticas capazes de apreender esta heterogeneidade e isto também significa levar em consideração o próprio contexto do corpo discente, igualmente formado pela memória social em que a prática pedagógica está inserida, sendo

⁴ LE GOFF, Jacques. **História e memória**, tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 476.

esta uma condição essencial para o desenvolvimento das ações pedagógicas no campo do ensino da história.

José Carlos Libâneo, em um livro tão introdutório quanto incontornável sobre o tema da “didática”, aponta a importância no entendimento do contexto social do corpo discente à construção de sequências didáticas ou de qualquer tipo de planejamento, efetivação e análise das ações educacionais, uma vez que estas ações não significam uma simples atividade burocrática ou desnecessária:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas.⁵

Entenda-se as situações didáticas concretas as circunscrições sociais, matérias do processo pedagógico. No entanto, a construção da consciência histórica forjada pela escola não deve se deter ao livro didático ou ao espaço de confinamento da sala de aula, mas outras experiências também podem oferecer uma apreensão de conteúdos escolares em outros espaços, como, por exemplo, o museu. Neste sentido, deverá interessar, no dizer de Ricardo Pacheco, ao professor de história “a vinculação das informações disponíveis no museu, das experiências vividas pelos alunos, das habilidades desenvolvidas com as atividades da sala de aula.”⁶

2. Objetos dos museus e pedagogia

Do ponto de vista da organização de suas peças, um museu possui um acervo permanente e exposições temporárias, mas os objetos que formam o acervo ou a exposição representam uma historicidade, são documentos ou monumentos da cultura. Sendo assim, seria necessário pensar uma prática pedagógica que seja capaz de

Produzir situações onde a leitura do objeto museológico não se limite a decodificação, onde o estudo das informações da exposição não se confunda com a memorização, e o pensar sobre o passado não se limite a repetição do que já se sabe.⁷

⁵ LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1990, p. 222

⁶ PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, v. 30, n. 60, 2010, p. 64

⁷ PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 2, 2012, p. 79

Em um livro dedicado à questão do ensino da história e os museus, Francisco Ramos, não deixa de levar em consideração as condições contextuais na apreensão dos objetos do museu por parte do alunado, uma vez que, segundo o autor, é necessário levar em consideração o processo que o sujeito desenvolve ao deparar-se com o objeto, é essencial que o professor leve em consideração o encontro entre o aluno e os objetos, visto como geradores de uma discussão temática:

É plausível defender que uma das possibilidades para o início de uma alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, ou em outros espaços educativos, o professor ou o orientador faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados.⁸

Neste sentido, os objetos encontrados no museu estão dentro do acervo geral que forma a memória de uma sociedade, sendo assim, é possível pensar em conexões entre as formas de vida do passado e a sociabilidade contemporânea levando em consideração a própria comparação entre objetos de uma mesma prática social.

Claro está que objeto do museu está deslocado do seu contexto de uso original, mas a própria figura do objeto, também deslocada pela instrumentalização da prática pedagógica, pode ser reinserido no tempo pelo olhar do observador que pode, numa comparação, por exemplo, perceber a historicidade do mundo à sua volta.

Esta inquietação do sujeito, neste caso, do aluno, ao objeto pode desvelar outras leituras possíveis, ao deslocar o olhar advindo do senso comum e apresentar novas possibilidades, no sentido de uma compreensão mais ampla do processo histórico em que está inserido, eis como Circe Maria Bittencourt, especialista no problema aqui tratado, defende este processo:

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um “olhar de curiosidade” a respeito de “peças de museu” – que na maioria das vezes, são expostas pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um “passado ultrapassado” ou “mais atrasado” – em “um olhar de indagação”, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história.⁹

Se, para o desenvolvimento de uma sequência didática, é preciso criar esta relação de sensibilização do aluno em relação ao assunto a ser estudado. Neste sentido, o uso de

⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes; LOPES, Régis. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Argos, 2004, p. 32

⁹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.355

determinado objeto do acervo do museu pode desencadear esta situação, uma vez que coloca, frente ao estudante, a materialidade do que seria estudado em sala de aula.

3. Uma intervenção pedagógica

Após estas reflexões, que apresentam com clareza teórica a importância dos Museus na manutenção da memória social e da historicidade presente nos objetos de seu acervo, este trabalho apresentará uma proposta pedagógica situada no contexto do Ensino de História para alunos da Educação de Jovens e Adultos.

É escusado dizer a precariedade da universalização da alfabetização no Brasil, um país marcado pela distância entre sua vida comezinha e sua vida intelectual. Durante os últimos anos, foram criadas políticas públicas no sentido de oferecer educação básica inclusive a quem se encontra fora dos padrões etários.

Neste sentido, o Programa Educação de Jovens e Adultos [EJA] tem um papel central nesse processo, uma vez que aglutina jovens e adultos que não puderam, em determinada idade, prosseguir com seus estudos, mesmo depois de um longo período de evasão escolar, assegura Asseguram Scheibel e Lehenbauer, em texto introdutório sobre o contexto do EJA que:

A Educação de Jovens e Adultos nos níveis fundamental e médio deverá ter seu projeto pedagógico próprio construído e implementado atendendo aos interesses e necessidades dessa população que se caracteriza pelas suas profundas diversidades.¹⁰

Graças a essa diversidade do seu público, o professor do EJA deve levar em consideração as particularidades do seu alunado e construir propostas de ensino/aprendizagem que tragam o contexto social no bojo dos conteúdos estudados em sala de aula.

Neste sentido, dada as características deste corpo discente, a atividade pedagógica aqui proposta tem como objetivo criar uma relação entre conteúdo e vida social dos alunos, por meio de uma visita ao *Museu do Homem do Nordeste*.

Ainda sobre o museu, é preciso dizer, ainda que ligeiramente, que trata-se de uma das mais importantes instituições de conservação da memória social do povo nordestino. Encontra-se em um tradição bairro do Recife, Casa Forte e foi fundado ainda na década de 1970 e reúne três outros museus, a saber, o Museu de Antropologia, a Fundação Joaquim

¹⁰ SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana. **Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA**. Canoas, RS: Pallotti, 2006. p. 38.

Nabuco e o Museu do Açúcar, este último sendo fundamental à visita pensada nesta sequência didática posta a seguir.

Claro está que a visita à um museu não deve estar dissociada do conteúdo programático da disciplina, aliás, a chegada ao museu igualmente não pode ser pensada nem como um mero passeio de campo ou como um espaço tomado por uma total seriedade, mas como uma atividade pedagógica que busca inter-relacionar os conteúdos com a experiência sensível dos alunos.

Como defende Ricardo Pacheco¹¹, o museu precisa ser visto como um espaço capaz de dialogar com as práticas pedagógicas no sentido de oferecer objetos da sociabilidade de outras sociedades ou dos ancestrais de uma mesma sociedade. Como é o caso do *Museu do Homem do Nordeste*. Com efeito, como defende o autor, os objetos do museu resguarda uma historicidade que precisa ser entendida à luz do seu tempo e em conexão com o presente.

Para um bom planejamento, faz-se mister que o professor já conheça o ambiente. Neste caso, este requisito é cumprido pela experiência deste pesquisador enquanto estagiário no *Museu do Homem do Nordeste* [Recife-PE]. Tendo em vista que o museu em questão conta com monitores, é preciso conceber as atividades do professor em diálogo com este funcionário do museu.

Levando em consideração o largo acervo da instituição, principalmente no setor do Museu do Açúcar, pode-se pensar uma atividade pedagógica que cubra assuntos da época Colonial do Brasil, como também aclara conteúdos de História Geral.

3.1 Antes da visita

O eixo temático “História das relações sociais, da cultura e do trabalho” está assinalado como ponto de discussão do ensino da disciplina no Ensino Fundamental, conforme aponta o Ministério da Educação¹². Sendo assim, seria preciso pensar a visita ao *Museu do Homem do Nordeste* e ao seu acervo sobre a cultura do açúcar¹³ levando em consideração os conteúdos debatidos neste eixo temático específico. Portanto, a visita terá que ser antecedida da apresentação de conteúdos que tangenciem os objetos deste acervo.

¹¹ PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. Revista Tempo e Argumento, v. 4, n. 2, 2012,

¹² Parâmetros Curriculares Nacionais http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf acesso em 12/06/2019

¹³ Museu do Homem do Nordeste http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=721 acesso em 13/06/2019

Esta visita guiada pelos conteúdos deve também gerar uma atividade, uma produção dos próprios alunados acerca das questões levantadas. Neste sentido, será proposta uma atividade escrita que leve em consideração a vida cotidiana do alunado e uso de determinados materiais na sua vida social, como colheres, facas, mesa, ferramentas do cultivo da cana-de-açúcar, que serão vistos dentro do processo de produção de riqueza da obra.

Será combinado com cada aluno que eles deverão fotografar três objetos e tecer uma comparação, as diferenças e similitudes entre os objetos da sua vida comezinha e aqueles que formam o acervo do museu. Com efeito, esta proposta rechaça a produção muitas vezes enfadonha e padronizada do relatório e deixa o aluno mais livre à produção.

3.2 A visita

A visita terá seu roteiro estabelecido segundo os marcos de conteúdos previamente trabalhados em sala de aula, sendo assim, ir ao setor do Museu da Cana é essencial para que os alunos não se dispersem e que o professor acompanhe-os nesta visita guiada, mas sem quebrar a noção de que esta visita deve ser entendida como um passeio, como uma ação distinta do isolamento das salas de aula.

Como já fora dito, a proposta de fotografia dos objetos deve estar em referência com os conteúdos discutidos que deve desdobrar-se em uma reflexão acerca da historicidade desses elementos que formam o acervo do Museu e são essenciais para entender os processos históricos debatidos em sala.

Neste sentido, tanto o professor quanto o monitor devem inserir os objetos do acervo dentro desta perspectiva pedagógica, com o intuito de provocar a reflexão dos alunos, ao urdir uma relação entre o conteúdo escolar, o acervo e a vida cotidiana deles, pontos fundamentais à produção textual pedida pela visita.

3.3 Atividades após a visita

Os educadores Kátia Abud e André Silva¹⁴ criticam, com razão, a aplicação mecânica das atividades pós-visita e chama atenção para o momento de discussão, de dúvidas, de provocação dos alunos logo após a visita, este momento é salutar e deve ser um mote para o aprofundamento dos conteúdos discutidos antes da visita, tendo em vista que esta saída ao museu apresenta informações e experiências importantes neste processo.

¹⁴ ABUD, Kátia Maria, SILVA, André Chaves de Melo, ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

Ao contemplar esta reflexão, será solicitado aos alunos que fixem as fotografias em cartazes produzidos no sentido de construir uma reflexão comparativa entre elementos do acervo e da vida cotidiana dos alunos. Os cartazes devem apresentar produtos desta reflexão e devem ser corrigidos pelo professor que leve em consideração os pontos trazidos em sala somados à experiência da visita.

4. A escola e o museu no ensino da história

Tanto o museu quanto a escola oferecem um conhecimento sobre a história e isto os conectam enquanto instituições das sociedades modernas. Com efeito, uma prática de ensino, que leve em consideração esta relação mais que evidente entre eles, deve ter como desafio esta ligação por meio de prática pedagógicas, pois “em nenhuma outra época, o papel educativo e a relação do museu com a comunidade tornam-se, de fato, questões nucleares do pensamento e de práticas museológicas.”¹⁵

Neste sentido, o professor Ricardo Pacheco aponta algumas diretrizes da inserção do museu na construção de sequências didáticas para o ensino, seja do ponto de vista pedagógico ou didático:

Do ponto de vista pedagógico o museu é o local onde se realiza tanto a pesquisa sistemática sobre o assunto que ele expõe como o espaço de sensibilização do público para determinados temas e assuntos. Do ponto de vista didático o museu serve tanto ao ensino dos conteúdos factuais, possibilitando a coleta e sistematização de informações pontuais, como aponta para o desenvolvimento das habilidades e da sensibilidade de cada visitante.¹⁶

Como se vê, elementos trazidos pelo museu pode contribuir de forma decisiva à apreensão de um corpo discente nos mais diversos níveis de aprendizagem, quer dizer, do ensino fundamental a um curso de pós-graduação, a depender da amplitude do olhar e dos objetos que interessam ao observador.

Como se pode observar no decorrer deste artigo, este trabalho buscou apresentar uma reflexão acerca do Ensino da História. Em um primeiro momento, apresentou-se uma reflexão sobre o papel da Escola e do Museu no processo de manutenção da Memória Social.

Em sequência, fora apresentado também uma reflexão acerca de uma possível relação entre essas duas instituições em um contexto de processo pedagógico; para tanto, fora

¹⁵ JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. Brasília: IPHAN, 2006. pp. 19-32. p. 29.

¹⁶ PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 2, 2012, p. 65.

pensado como os objetos do acervo do *Museu do Homem do Nordeste* podem ser aplicados em uma sequência didática para uma aula do programa de Educação de Jovens e Adultos [EJA].

Tendo em consideração, por meio de um determinado referencial teórico, que os objetos formadores do acervo do museu em questão oferecem uma historicidade e podem ser instrumentalizados para uma sequência pedagógica centrada em uma visita à instituição.

Por conseguinte, fora construída uma intervenção pedagógica. Após uma ligeira apresentação do contexto onde esta será desenrolada, procurou-se apresentar um planejamento de uma visita ao *Museu do Homem do Nordeste*.

A visita fora apresentada em três partes, conforme a proposição do R. Pacheco¹⁷. Antes de tudo, a atividade fora pensada em um contexto em que leve em consideração a relação do conteúdo em sala de aula; sendo assim, a visita propriamente dita fora arquitetada dentro deste contexto de aplicação do conteúdo.

Após a ida ao museu e a proposição para uma atividade escrita acerca da experiência e relacionada com o conteúdo estudado em sala de aula, no sentido de uma otimização de uma atividade pedagógica capaz de construir uma experiência de ensino/aprendizagem que tenha a potencialidade de provocar o corpo discente à uma conservação da memória social.

Por fim, após esta argumentação, é possível defender teórica e pedagogicamente a importância da relação entre a escola e o museu, no processo de manutenção da memória da sociedade moderna, fundamento essencial para um Ensino da História capaz de oferecer uma ligação entre a vida cotidiana do seu alunado e sua herança histórica.

¹⁷ PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 2, 2012, p. 65.

ANEXOS

Normas da Revista História.com

Seções:

Dossiê Temático: em cada número da **Revista Eletrônica História.com**, receberemos nesta sessão artigos relacionados a um tema predeterminado pela chamada de trabalho. Os artigos devem conter entre **10 a 20 páginas**.

Artigo Livre: nesta seção receberemos trabalhos que não se relacionam com proposta do dossiê temático, previamente divulgado na chamada de trabalho. Aceitaremos textos de História e áreas afins, que sejam de relevância para o conhecimento histórico, e que contribua para as discussões historiográficas atuais. Os artigos devem conter entre **10 a 20 páginas**.

Resenha: este é o espaço reservado para a publicação de *resenhas*. Os trabalhos enviados devem conter entre **3 e 5 páginas**. As resenhas de livros e filmes devem contemplar exemplares nacionais e internacionais. No caso dos livros devem ter menos de 5 anos e dos filmes não temos restrição do ano de lançamento.

História na sala de aula: é dedicada à publicação de artigos que abordem temas relacionados ao campo do ensino da História com o intuito de socializar conhecimentos produzidos em laboratórios de ensino, estágios supervisionados e experiência docente. Deve conter entre **10 a 20 páginas**.

História da África: A partir de 2003, com a entrada em vigor da lei 10.639, uma antiga reivindicação do Movimento Negro virou realidade: A História da África passou a ser tema obrigatório no sistema educacional brasileiro como uma das formas de reparar a secular discriminação a que tem sido submetida a população brasileira de origem africana. Porém, entre a lei a prática no cotidiano escolar existe uma enorme distância que vem sendo reduzida por uma série de iniciativas, individuais e coletivas, em todos os cantos do Brasil e em todos os níveis de ensino.

Entre tais iniciativas é preciso destacar as mudanças nas universidades brasileiras, impulsionadas por professores, por NEABs e diversos grupos de pesquisas, estão incorporando de maneira significativa a História e a cultura africana em seus programas. Não é um processo linear e uniforme em todas as instituições. Há avanços e recuos, mas vale destacar a inclusão da disciplina em todos os cursos de História, a criação de programas de pós-graduação e a multiplicação vertiginosa de pesquisas centradas na África, em suas várias dimensões.

O Mestrado profissional em História da África, da Diáspora africana e dos Povos Indígenas da UFRB, em funcionamento desde 2014 é parte desde esforço geral de estimular a pesquisa e a formação de professores, passos vitais para que a lei vire realidade.

A existência de publicações pontuais, dossiês temáticas em revistas acadêmicas, é o canal mais usado para disponibilizar essa produção que, apesar de todas as limitações, já muito vasta e nem sempre abarcada pelo formato dos dossiês. Em função disso, a Revista discente de História resolveu criar um espaço permanente e específico para a História da África em nossas edições.

Estamos abertos a contribuições de todos os pesquisadores e pesquisadoras. Participe, submeta o seu trabalho para publicação. Os artigos devem conter entre **10 a 20 páginas**.

Formatação do artigo: Solicitamos do autor que faça seu [CADASTRO](#) no sistema da revista. Sem a realização desse procedimento não conseguirá submeter o artigo ou resenha. **NÃO ACEITAREMOS ARTIGOS/RESENHAS ENCAMINHADOS POR E-MAIL.**

I. Os arquivos deverão ser salvos na extensão “doc”, digitados no editor de texto Microsoft Office Word, edição 1997-2003 ou superior;

II. Fonte Berlim Sans F, tamanho 12, espaçamento 1,5;

III. Margens superior 2,5 cm, inferior 2,5 cm, esquerda 2,5 cm, direita 2,5 cm;

IV. A autoria deverá ser omitida do "doc" a ser anexado, pois as avaliações são às cegas;

V. Os artigos deverão conter resumo com até dez linhas, entre 3 e 5 palavras-chave, em português. As palavras-chave devem ser citadas no seguinte modelo: **Palavras-chave:** História. Religião. Literatura. Política;

VI. Os textos não deverão conter colunas ou separação de sílabas hifenizada;

VII. As páginas não devem ser numeradas;

VIII. As citações de até três linhas devem constar entre aspas, no corpo do texto, com o mesmo tipo e tamanho de fonte. As referências das mesmas devem constar em nota de rodapé tamanho 10 e estilo Berlim Sans FB;

IX. As citações a partir de quatro linhas devem estar com recuo esquerdo de 4 cm, tamanho 10 e fonte Fonte Berlim Sans FB;

X. As referências devem constar em nota de rodapé;

XI. As notas referentes às citações deverão ser colocadas nas notas de rodapé seguindo o padrão da ABNT (Idem, Ibidem, op. cit., Cf., e demais termos recomendados). Em caso de dúvida verificar modelo de citação presente nos artigos do n.6 de 2016;

XII. As notas de caráter explicativo/complementar também devem vir em nota de rodapé;

XIII. As tabelas (quando houver) devem ser digitadas seguindo a formatação padrão de tabela do programa editor de texto e ABNT;

XIV. As imagens devem seguir as normas da ABNT.

OBS.: Não aceitaremos contribuições acadêmicas que tenham **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA** após o corpo do texto, as referências usadas para a construção do trabalho devem vir em nota de rodapé e usadas adequadamente, conforme regem as normativas acima citadas e da ABNT.

Formatação de resenhas:

As demais normas para submissão de resenhas são conformes às já previstas para os artigos, com exceção do resumo e palavras-chave.

No caso dos filmes, deve constar título da resenha, seguido de nome do autor conforme rege item IV e imagem da capa seguida da identificação: *Nome. Direção, nacionalidade, ano, tempo de duração.*

Os textos submetidos à **Revista Eletrônica História.com** devem ser inéditos, tanto em outros periódicos quanto em capítulos de livros. Aqueles textos que forem versões de publicações anteriores, onde se apresentam novos resultados, devem vir acompanhados de uma declaração de “não ineditismo”. Caso o autor não declare o não ineditismo, estará sujeito as medidas judiciais cabíveis.

RECOMENDAÇÕES: É de inteira responsabilidade dos autores o atendimento às normas expressas, a coerência gramatical dos textos submetidos para avaliação, assim como o teor dos artigos e demais trabalhos científicos a este periódico submetidos.